

EDUCAÇÃO COPRODUZIDA, PROPOSTA DE UM QUADRO TEÓRICO DOS SEUS EFEITOS

CO-PRODUCED EDUCATION, PROPOSAL OF A THEORETICAL FRAMEWORK OF ITS EFFECTS

Maria Karolayne de Moura Costa

ORCID 0000-0002-8998-5090

Universidade Federal do Pernambuco, UFPE
Universidade Federal de Campina Grande, UFCG
Recife, Brasil
karolayne.moura@ufpe.br

Patrícia Trindade Caldas

ORCID 0000-0002-3495-596X

Universidade Federal de Campina Grande, UFCG
Campina Grande, Brasil
patricia.trindade@professor.ufcg.edu.br

Resumo. A coprodução envolve usuários e provedores na entrega conjunta de serviços. Na educação, esse processo pode englobar pais, professores, alunos, comunidade e gestores na formação e aprendizagem. Apesar de sua relevância, levantamentos bibliométricos apontam a escassez de estudos que analisem os efeitos dessa prática, em termos de benefícios e desafios para os diferentes atores. Este estudo tem como objetivo propor um quadro teórico acerca dos efeitos da coprodução na educação. Para isso, foram analisados 24 artigos selecionados por meio de Revisão Sistemática de Literatura, seguindo os protocolos PRISMA 2020 e Tranfield, Denyer e Smart (2003). O quadro resultante reúne quatro categorias de benefícios (aos alunos, à escola, à sociedade e à gestão pública) e quatro categorias de desafios (clareza do processo, replicabilidade, exigências aos envolvidos e necessidade de capacitação). O estudo contribui para o avanço da ciência da coprodução ao oferecer categorias analíticas aplicáveis à educação e subsídios para a gestão escolar compreender tanto o potencial transformador quanto os limites dessa abordagem.

Palavras-chave: coprodução; educação; efeitos; benefícios; desafios

Abstract. Co-production involves users and providers in the joint delivery of services. In education, this process can involve parents, teachers, students, the community, and administrators in training and learning. Despite its relevance, bibliometric surveys point to a scarcity of studies analyzing the effects of this practice, in terms of benefits and challenges for the different actors. This study aims to propose a theoretical framework for the effects of co-production in education. To this end, 24 articles selected through a Systematic Literature Review were analyzed, following the PRISMA 2020 and Tranfield, Denyer, and Smart (2003) protocols. The resulting framework combines four categories of benefits (for students, schools, society, and public administration) and four categories of challenges (clarity of the process, replicability, demands on those involved, and the need for training). The study contributes to the advancement of the science of co-production by offering analytical categories applicable to education and supporting school management in understanding both the transformative potential and the limits of this approach.

Keywords: coproduction; education; effects; benefits; challenges

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a educação é um direito social assegurado pelo Art. 205 da Constituição Federal de 1988 que a garante como direito de todos (Constituição, 1988). No país, quando esse direito foi exequível, enxergou-se uma ascensão formativa do alunado que, de acordo com a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2021), resultou em profissionais mais capacitados, proporcionando assim o “desenvolvimento social e econômico brasileiro na primeira década do milênio” (OCDE, 2021).

Este estudo adota a perspectiva freiriana de educação, em que alunos e professores são corresponsáveis pelo processo de aprendizagem. Para Freire (1987), a educação é um caminho

de busca, absorção e desenvolvimento de conhecimentos e habilidades, que no contexto profissional visam à formação de um ofício. Freire (1996) acrescenta a inerência entre educar e dialogar com o ambiente, tornando impossível restringir o espaço educacional a uma estrutura física, pois envolve também a comunidade e os acontecimentos ao redor (Streck, Redin & Zitoski, 2008).

Rubalcaba (2022) enxerga a educação como promotora da prosperidade econômica e social, sendo não apenas um direito, mas também um compromisso de todos. A Agenda 2030 reforça esse papel ao estabelecer, no ODS 4, o objetivo de assegurar educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida (ONU, 2015). Defende-se, assim, uma educação que desperte no estudante consciência crítica para perceber falhas e transformar realidades (Freire, 1996), superando a lógica de apenas obter um título e favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico, como já apontava Freire (1987).

Pain, Finn, Bouveng e Ngobe (2013) defendem que a educação voltada à transformação social pode ocorrer por meio da pesquisa-ação participativa (PAR), de caráter colaborativo. Nessa atividade, indivíduos unem habilidades e conhecimentos para atender necessidades sociais e buscar soluções conjuntas. Essa forma de aprendizagem, categorizada como coprodução do conhecimento, ocorre em via de mão dupla ou coletiva (Pain et al., 2013).

A coprodução no serviço público vem recebendo atenção mundial pela inserção do usuário na produção do bem ou serviço (Brandsen & Honingh, 2015; Age & Schommer, 2017). No setor educacional, ocorre quando a aprendizagem é colaborativa, envolvendo pais, alunos, professores e poder público em uma “lógica participativa” para execução do ensino (Antonini, Gaspari & Visconti, 2021; Rubalcaba, 2022). Soklaridis et al. (2020) ressaltam que essa prática vai além da consulta, pois insere o beneficiário diretamente no processo, em conjunto com os servidores.

Galli, Brunori, Di Lavoco e Innocenti (2014) afirmam que a administração pública sozinha não atende a todas as necessidades sociais, e a coprodução surge como apoio. No campo educacional, constataram que a participação dos pais reduziu custos da merenda escolar. Dalgarno e Oates (2019) complementam, mostrando que a educação rompe com a lógica de autoridade dominante, na qual os demais apenas seguem decisões impostas.

Aprofundando-se no sobredito, entende-se que para que o processo educacional aconteça a figura do aluno e do professor são essenciais, assim como suas relações com a comunidade pertencente ao ambiente em que esse caminho é percorrido. Alexandrino (2017), pontua que a ação de educar e a coprodução são dissociáveis. Para além a estudiosa ressalta que os benefícios da atividade são tanto públicos, quanto privados, o educando que absorve conhecimento lucra desse gozo, e em sociedade o aplica, beneficiando o coletivo.

Magnussen, Hamann e Stensgaard (2019), em um estudo sobre coprodução na educação, destacaram que a vivência dos alunos com a comunidade proporcionou nova percepção sobre as demandas sociais e conhecimento local do entorno. Esses achados dialogam com Bovaird e Loeffler (2013), que argumentam serem os efeitos da coprodução amplamente reconhecidos no serviço público, mas ainda pouco explorados no campo educacional, onde os avanços permanecem em desenvolvimento.

Diferentemente de outros serviços públicos, como saúde ou saneamento, a educação apresenta efeitos da coprodução singulares. Trata-se de um processo relacional e contínuo, no qual os atores não apenas colaboram para a entrega de um serviço, mas participam da formação de sujeitos críticos e da construção de saberes coletivos. Investigar a coprodução na educação vai além de aplicar o conceito de um novo campo, indica compreender seus impactos formativos, cidadãos e sociais, que ultrapassam os limites tradicionais dos serviços públicos. Esses efeitos impactam para além do beneficiário direto (o aluno), mas também a comunidade

escolar, na figura dos professores, gestores, servidores e atores externos que interagem com a escola.

Esse gap ficou perceptível em uma busca feita na SCOPUS em março de 2023 (sem recorte temporal), utilizando a temática de coprodução na educação analisou-se a co-ocorrência de palavras via análise no software VOSviewer. Encontrou-se 4 clusters, com temáticas sobre coprodução, educação, ensino superior e aprendizagem, os quais se relacionavam, mas em nenhum desses os ‘efeitos, consequências, benefícios, implicações, resultados, desvantagens, e indicadores’ apareceram.

Embora existam estudos consolidados sobre coprodução em setores como saúde, segurança e saneamento, esses referenciais não são suficientes para compreenderem a educação que se distingue por envolver processos contínuos de ensino-aprendizagem, vínculos pedagógicos e formação cidadã. Analisar seus efeitos permite uma melhor compreensão da prática, justificando seu uso a partir dos impactos gerados, tanto dos benefícios para os atores quanto dos aspectos que precisam ser evitados.

Nesse sentido, faz-se necessário construir um quadro teórico específico que contemple tais dimensões formativas e sociais, conferindo maior relevância teórica ao tema e explicando os efeitos singulares que a coprodução no campo educacional. Como destacam Honingh, Bondarouk e Brandsen (2020), a educação ainda é um pouco explorada nos estudos sobre coprodução, demandando pesquisas futuras e novas revisões capazes de enriquecer a temática.

Ainda sobre os trabalhos extraídos da SCOPUS, observou-se que o Reino Unido concentra a maioria das pesquisas sobre coprodução na educação (13 de 20), enquanto o Brasil aparece com apenas um estudo, revelando a carência de investigações na área. Esse trabalho, de Soares e Farias (2018), ressalta a necessidade de compreender melhor a efetividade dos incentivos à coprodução, bem como seus benefícios para familiares, escolas e alunos.

Com esses estudos e apontamentos, evidencia-se uma lacuna que justifica a realização desta pesquisa. As investigações ainda apresentam limitações e seus autores manifestam interesse em compreender melhor como a coprodução na educação ocorre, o que favorece, de que modo pode inovar e como contribui para uma educação pública inclusiva. Nesse contexto, o objetivo é propor um quadro teórico sobre os efeitos da coprodução na educação, a fim de compreender os resultados positivos e negativos dessa prática.

Metodologicamente, opta-se por uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. Realizou-se uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL), com apoio do método de 3 etapas de Tranfield, Denyer e Smart (2003) e o Protocolo PRISMA 2020 (Page et al., 2021), seguida da formulação de um quadro teórico.

Com este trabalho, pretende-se contribuir com a ciência da coprodução na educação, avançando na temática ao discutir conceitos, identificar seus efeitos e sintetizar os achados em um framework útil para futuros estudos empíricos. Busca-se também apoiar gestores educacionais, ao oferecer uma análise que evidencia o que a educação coproduzida proporciona, favorecendo o planejamento de estratégias de coprodução e a prevenção de seus aspectos negativos.

O estudo segue com a seção 2, onde apresenta-se a abordagem metodológica e os processos utilizados. Em seguida é apresentada a análise dos resultados que finaliza com a proposta do quadro teórico. O último tópico é de conclusões onde se faz um compilado de todo o trabalho, apresentando limitações e sugestões para futuras pesquisas.

2. METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo do estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, por meio da revisão sistemática da literatura. Para sua realização, foram utilizados dois protocolos: Tranfield et al. (2003) e PRISMA 2020 (Page et al., 2021), este último conferindo maior criticidade ao processo. O modelo compreende três fases: 1) planejamento

da revisão; 2) condução da revisão; e 3) relatório do processo (Tranfield et al., 2003). A seguir, detalham-se as fases da RSL.

2.1 Fase I: Planejamento

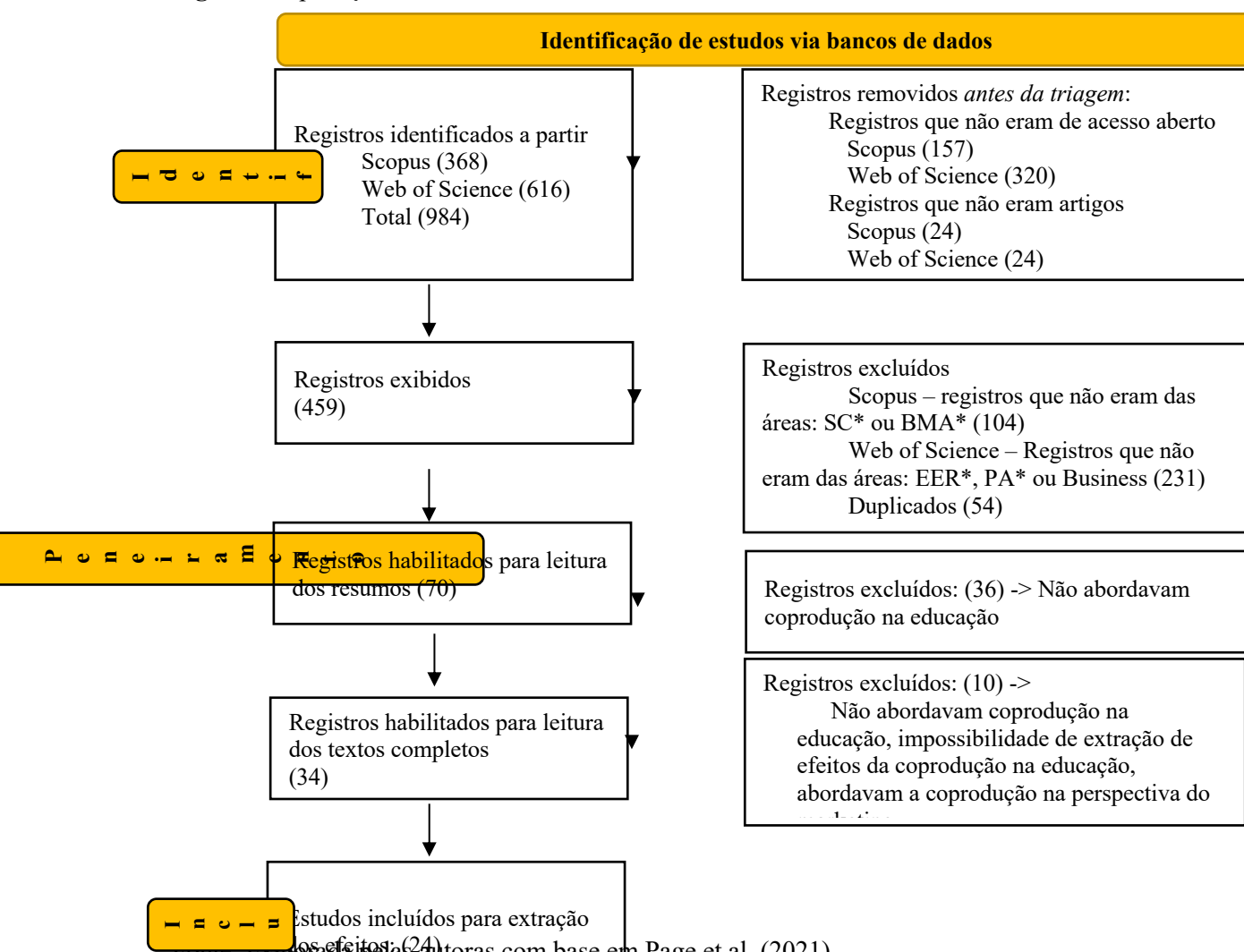
Nessa fase, identifica-se a necessidade da pesquisa e, a partir do objetivo do estudo, estruturaram-se três questões: 1) Como a coprodução é compreendida no campo da educação? 2) Quais os potenciais efeitos desejáveis da coprodução na educação? 3) Quais os potenciais efeitos não desejáveis da coprodução na educação? Essas questões nortearam a RSL, permitindo conhecer como os autores conceituam coprodução e mapear seus efeitos (positivos e negativos), que serviram de base para a proposta do quadro teórico.

2.2 Fase II: Condução da RSL

Na segunda fase, com o objetivo e as questões norteadoras definidos, estabeleceram-se palavras-chave, critérios de exclusão e leitura dos resumos, seguida da análise dos trabalhos completos. Para assegurar confiabilidade e validade, utilizou-se o Protocolo PRISMA 2020 (Page et al., 2021).

A Figura 1 ilustra o detalhamento da aplicação do PRISMA neste estudo.

Figura 1. Aplicação do Protocolo PRISMA 2020



Fonte: Elaborada pelas autoras com base em Page et al. (2021)

*SC = Social Sciences; BMA = Business Management and Accounting; EER = Education Educational Research; PA = Public Administration.

Esse momento da RSL destinou-se a buscar nas bases de dados mais utilizadas na área da Administração, Scopus (em 28/03/2023) e Web of Science (em 29/03/2023), artigos que trabalhassem a educação coproduzida em diversos contextos, fosse no setor público ou privado.

Utilizaram-se as seguintes palavras-chaves em ambas as bases de dados: “co-production and education and effects”, “co-production and education and implications”, “co-production and education and results”, “co-production and education and consequences”, “co-production and education and indicators”, “co-production and education and benefits”, “co-production and education and advantages”.

Dessa forma, foram selecionados 24 estudos para serem analisados e extraídos os efeitos da coprodução na educação e, posteriormente, desenvolvida a proposta de um quadro teórico. Essa tipologia tem por objetivo levantar o conteúdo teórico necessário para esclarecer os achados do estudo. O quadro teórico proporciona direcionamento ao estudo e além o pesquisador ao seu campo teórico (Macedo & Souza, 2022). Assim, o quadro que será proposto terá como alicerce uma RSL que servirá para que o estudo não fuja da temática. A lista completa dos trabalhos selecionados pode ser visualizada no Quadro 1.

Quadro 1. Artigos utilizados na Revisão Sistemática da Literatura

Nº	AUTOR(ES), ANO	PERIÓDICO	FOCO PRINCIPAL
1	Pain et al. (2013)	Journal of Geography in Higher Education	Pesquisa-ação participativa em geografia
2	Galli et al. (2014)	Sustainability	Coprodução na merenda escolar (Itália)
3	Moreton (2016)	Int. Journal of Cultural Policy	Coprodução em artes e humanidades
4	Bamber, Lewin e White (2017)	Journal of Curriculum Studies	Educação para cidadania global
5	Soares e Farias (2018)	Ensaio	Incentivos à coprodução por familiares (Brasil)
6	Dalgarno e Oates (2019)	Health Education Journal	Recovery College e coprodução em saúde
7	Rooney, Unwin e Shah (2019)	Journal of Further and Higher Education	Envolvimento de usuários em formação em saúde
8	Magnussen, Hamann e Stensgaard (2019)	Electronic Journal of e-Learning	Conhecimento comunitário e coprodução
9	Ravenscroft et al. (2020)	International Journal of Inclusive Education	Rádio educativa e inclusão social
10	Kruger e David (2020)	Frontiers in Education	Educação empreendedora inclusiva
11	Turner (2020)	Social Work Education	Coprodução em ensino digital em serviço social
12	Soklaridis et al. (2020)	Academic Psychiatry	Coprodução no ensino em psiquiatria
13	Honingh, Bondarouk e Brandsen (2020)	Int. Review of Administrative Sciences	RSL sobre coprodução em escolas primárias
14	Donato e Alonso (2020)	Revista Complutense de Educación	Intervenção social participativa em escolas
15	Elliot, Robson e Dudau (2021)	Teaching Public Administration	Engajamento estudantil via co-design curricular
16	Ramírez et al. (2021)	Long Range Planning	Coprodução no ensino de estratégia
17	Khamis et al. (2021)	Journal of Work-Applied Management	Coprodução no ensino online na pandemia
18	Lamph e Bullen-Foster (2021)	Journal of Mental Health Training, Education and Practice	Formação em saúde mental com coprodução

19	Antonini, Gaspari e Visconti (2021)	Sustainability	Aprendizagem colaborativa em arquitetura
20	Adamsone-Fiskovica e Grivins (2022)	Journal of Agricultural Education & Extension	Pesquisa participativa em práticas agrícolas
21	Rubalcaba (2022)	Economies	Inovação em educação sob coprodução
22	Mazgutova et al. (2022)	Journal of English for Academic Purposes	Formação docente com filosofia da coprodução
23	Hardie et al. (2022)	Research Involvement and Engagement	Co-design em formação de enfermeiros
24	Yalley (2022)	Education and Information Technologies	Preparação de estudantes para e-learning coproduzido

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

2.3 Fase III: Relatório da RSL

Esta fase corresponde a apresentação e compilação dos achados da revisão, para tal, o tópico 3 Resultados e análises, atende a Fase III desta RSL. A seguir, apresentam-se as respostas as questões norteadoras, através dos resultados encontrados, analisando-os.

3. RESULTADOS

3.1 Coprodução

A literatura aclama a economista americana Elinor Ostrom como a pioneira nos estudos sobre coprodução, o conceito proposto pela autora é o popularmente utilizado em estudos da temática. Para ela, a coprodução se refere a atividade conjunta de atores diversos na produção de um bem ou serviço, esses indivíduos podem ser beneficiários ou fornecedores e oferecem insumos para o processo construtivo (Ostrom, 1996).

Em sintonia, Galli et al. (2014), pesquisadores italianos, enxergam a coprodução como um processo inovador na produção de bens e serviços, proporcionando confiança entre as partes envolvidas, atuando como resposta para necessidades sociais e gerando uma inovação social. Elliot, Robson e Dudau (2021) e Honingh et al. (2020) pontuam que ela não se limita apenas a uma participação, mas representa uma espécie de envolvimento entre as partes na concepção e entrega de serviços.

Com a mesma perspectiva, Dalgarno e Oates (2019), pincelam alguns aspectos da coprodução, onde se sobressai a experiência compartilhada, e que tal atividade estimula a democracia ao juntar uma diversidade de atores trabalhando juntos. Coproduzir une usuários e servidores, essa relação do beneficiário de um serviço, com o serviço e com aquele responsável direto pelo mesmo, aprimora a entrega final do mesmo (Yalley, 2022).

Especificamente no âmbito da educação, contexto desse estudo, Antonini et al. (2021), a tratam como uma aprendizagem colaborativa. Na mesma linha de pensamento Rubalcaba (2022), aponta a importância da participação de pais, professores, alunos e gestores públicos, pois cada um desses tem uma perspectiva sobre como desenvolver a educação. Além desses atores, Galli et al. (2014), inclui, organizações comunitárias e colegas dos alunos como partes que podem estar presentes na educação coproduzida.

Nabatchi, Sancino e Sicilia (2017), afirmam que a coprodução na educação permite um envolvimento desde antes do planejamento educacional até os pós entrega do serviço. Soklaridis et al. (2020) apresenta alguns princípios-chaves dessa atividade: proximidade entre usuários e servidores; utilização das habilidades das partes envolvidas; reconhecimento dos atores envolvidos; apoio mútuo; reciprocidade; e, novos serviços. Para Ramírez, Rowland, Spaniol e White (2021), esse tipo de coprodução acontece quando há uma estrutura de aprendizado emparelhado, onde os indivíduos aprendem em conjunto.

Vale destacar a classificação de Nabatchi, Sancino e Scilia (2017) sobre coprodução, os autores formularam uma Tipologia 3x4, classificando a coprodução em 4 fases do ciclo do serviço e 3 níveis de envolvimento. A fase de co-comissionamento representa a etapa de elaboração da atividade a ser realizada; a segunda de co-design, refere-se ao planejamento do que será realizado; a co-entrega engloba a execução e; na co-avaliação, os atores têm a oportunidade avaliarem o serviço realizado. Em todas essas fases podem acontecer cada um dos três níveis de envolvimento: de forma individual, grupal ou coletiva.

Com o foco na conceituação da coprodução na educação, destacam-se alguns autores (ver Quadro 2). Eles debatem desde os primeiros estudos sobre coprodução em 1970 até como a atividade se desenvolve atualmente. Os autores destacam que não se trata de ouvir o que o usuário tem a declarar, mas o incluir no processo, em que pais, alunos, professores e gestores têm um papel participativo importante (Soares & Farias, 2018; Soklaridis et al., 2020; Honingh et al., 2020; Antonini et al., 2021; Rubalcaba, 2022).

Quadro 2. Conceitos de coprodução na educação

AUTORES	COPRODUÇÃO NA EDUCAÇÃO
Galli et al. (2014)	Afirmam a necessidade de dois usos do conceito de coprodução para uma análise completa da coprodução na educação. Num primeiro nível, a função de coprodução dos serviços educativos requer a contribuição dos professores (produtor tradicional), dos alunos (consumidor tradicional) e do nexo professor-aluno, pelo que a participação ativa dos alunos é necessária para a aprendizagem. Nesse sentido, se a coprodução for omitida o serviço não ocorrerá. Em um segundo nível, outras contribuições contingentes provenientes de pais, colegas de alunos, organizações comunitárias – privadas e públicas – e mídia têm impactos na qualidade e quantidade dos serviços educacionais. Se contribuídos com habilidade e regularidade, esses insumos agregam qualidade aos serviços educacionais, mesmo que o serviço possa ser criado de qualquer maneira”.
Soares e Farias (2018, p.1347)	“A coprodução vem sendo estudada, no campo da Administração (privada e pública) desde as décadas de 1970 e 1980, focalizando a importância do usuário, o momento de participação (concepção ou prestação do serviço), o tipo de colaboração (individual ou coletiva), entre outros”.
Soklaridis et al. (2019, p.159)	“A coprodução vai além de um modelo de consulta ou envolvimento de usuários de serviços para educação em papéis relativamente circunscritos e pré-determinados, envolvendo os usuários do serviço desde o início de uma iniciativa educacional para que possa ser projetada e entregue em conjunto com prestadores de serviços.”
Honingh et al. (2020, p.222)	“A coprodução é o envolvimento de cidadãos na concepção e entrega de serviços. Nas escolas primárias, isso envolve pais trabalhando com professores para melhorar o desenvolvimento educacional de seus filhos”.
Antonini et al. (2021)	Definem a coprodução na educação como a aprendizagem colaborativa.
Rubalcaba (2022, p.10)	“A coprodução na educação envolve uma verdadeira participação: os pais são necessários para um bom relacionamento professor-aluno, os formuladores de políticas são necessários para um bom relacionamento entre as escolas e assim por diante. Cada um pode ter um lugar na lógica participativa”.

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Conhecendo e compreendendo o conceito e características básicas da coprodução, capturados dos 24 artigos analisados (destaques no Quadro 2), pode-se inferir que, coprodução na educação é a relação mútua para a elaboração de um serviço educacional, cujas partes interessadas se comprometem e têm suas participações consideradas. Utilizar-se-á este conceito proposto para desenvolvimento desse estudo.

Compreendidas as definições sobre coprodução utilizadas na área da educação, a seguir discute-se os efeitos da coprodução, especificamente quando aplicados na educação,

encontrados na literatura utilizada. Para tanto, optou-se por analisar tanto os efeitos positivos como os negativos elencados nos estudos já desenvolvidos.

3.2 Potenciais efeitos desejáveis da coprodução na educação

Espera-se que a coprodução na educação gere efeitos positivos para os atores envolvidos e para o processo de aprendizagem, que pode extrapolar os muros institucionais. Pain et al. (2013), em pesquisa com graduandos de geografia no Reino Unido, destacaram que a prática ampliou a percepção dos estudantes sobre a universidade e o outro. Inicialmente restritos às estruturas físicas, após a coprodução desenvolveram atitudes de transformação social. A vivência em um asilo da comunidade levou-os a buscar conhecimento pela convivência, reconhecendo um contexto social antes ignorado.

O trabalho de Magnussen et al. (2019), desenvolvido em escolas da Dinamarca, na modalidade Community Drive, as quais envolvem o desenvolvimento de crianças através de jogos e dados e inserem a comunidade na atividade, destacou que esse olhar para o outro promove um conhecimento do aluno sobre a comunidade local.

Galli et al. (2014), em estudo sobre coprodução na merenda escolar em Pisa-Itália, observaram que o processo gerou confiança entre as partes, resultado também apontado por Ravenscroft et al. (2020) e Elliot et al. (2021). Identificaram ainda maior facilidade comunicativa entre pais, professores, alunos, gestão escolar e gestão pública. De modo semelhante, Soklaridis et al. (2020), em pesquisas com estudantes da área da saúde, constatou que a educação coproduzida promoveu confiança, aproximando servidor e usuário, escola e comunidade, famílias e gestão pública.

Essa percepção de melhora na comunicação entre as partes por meio da coprodução, também foi notada no estudo de Soares e Farias (2018), que se voltou para a coprodução na educação pública no Brasil. Notou-se que a atividade ainda proporcionava um maior envolvimento do servidor público e chegaram a classificar esse envolvimento como uma execução do serviço de forma mais intensa, além de despertar nos usuários a melhor utilização dos mecanismos legais.

A forma como os servidores passaram a trabalhar, também foi observada pelos estudiosos Dalgarno e Oates (2019). Os pesquisadores chegaram à conclusão de que a coprodução proporcionou uma mudança no poder relacional, saindo de uma posição de soberania hierárquica, para um lugar de igual para igual (Dalgarno & Oates, 2019; Elliot et al., 2021). O estudo foi aplicado em um Recovery College, ambientes de aprendizagem na área da saúde em várias localidades do Reino Unido e EUA, e essa transição de um poder absoluto daquele prestador do serviço para uma participação democrática das partes envolvidas, gerou uma transformação social.

Além de efeitos positivos para sociedade, gestão pública e escolar, a literatura aponta, uma redução da distância entre teoria e prática, por meio da coprodução na educação, ao se concentrarem em um estudo sobre o envolvimento do usuário e cuidadores, no campo da educação em saúde, na Inglaterra (Rooney, Unwin & Shah, 2019). Honingh et al. (2020), em sua revisão sistemática de literatura sobre coprodução em escolas primárias, também extraíram efeitos positivos para os alunos, onde esses melhoraram sua aquisição de conhecimento por meio da coprodução.

No estudo de Ravenscroft et al. (2020), identificaram-se alguns efeitos positivos da coprodução na educação para os alunos. Ao tratarem de um programa de rádio educacional, no Reino Unido, envolvendo acadêmicos e profissionais de jornalismo e comunicação social, conclui-se que foi proporcionada algumas soft skills, como empoderamento, autoestima, motivação, trabalho em equipe, salientando que a pesquisa destacou um potencial capacidade de empregabilidade devido ao processo vivenciado. Notou-se também que tal processo engajou os alunos no debate público (Antonini et al., 2021; Bamber, Lewin & White, 2017).

Estudos também apontam que a comunidade civil reconhece o potencial do aluno, ao tempo que o aluno reconhece o trabalho dos servidores (Soares & Farias, 2018). Ressalta-se também uma melhor circulação de informação, facilitando uma inclusão, acolhendo a participação dos pais nas atividades escolares, resultando em atividades inovadoras, capacitação de professores, compromisso com os recursos ofertados (Moreton, 2016; Soares & Farias, 2018; Kruger & David, 2020; Rubalcaba, 2022; Yalley, 2022; Hardie et al., 2022).

A inclusão social é fortemente percebida em diversos trabalhos, o ato de ir à comunidade, a vivência comunitária, desperta visões anteriormente não percebidas (Mazgutova et al., 2022; Rubalcaba, 2022). Hardie et al. (2022), em seu estudo no Reino Unido, no campo da enfermagem, sinalizam que essa visão oferta ampla oportunidades para todos.

Os efeitos aqui explanados demonstram como a coprodução educacional é benéfica para diversos atores. Para os professores, ao ofertar (auto)capacitação durante a coprodução; para os alunos, desenvolvendo suas habilidades emocionais, sociais e psicossociais; para sociedade, aproximando o aluno do contexto social, incluindo o indivíduo na sociedade, gerando uma transformação social.

Do mesmo modo, nota-se efeitos positivos para todos os atores envolvidos, ao tempo que o aprendizado é personalizado, a gestão escolar se beneficia do trabalho em equipe, e toda a comunidade escolar tem uma linha de comunicação firme e desenvolta. Porém é necessário se atentar para suas limitações e desafios decorrentes da coprodução na educação, abordado pelo tópico a seguir.

3.3 Potenciais efeitos não desejáveis da coprodução na educação

Os estudos de 2013 a 2022 indicam que, além dos efeitos desejáveis, existem obstáculos que comprometem a eficácia da coprodução. Foram identificados aspectos negativos, como a falta de tempo e comprometimento dos atores, apontados por Pain et al. (2013) em pesquisa com graduandos de geografia no Reino Unido. Rooney et al. (2019), em estudo na Inglaterra, relataram a mesma limitação, destacando que a coprodução exige preparação e horas adicionais, o que pode gerar desinteresse, resultado também observado por Elliot et al. (2021) e Dalgarno e Oates (2019).

Esse período dedicado a preparação nem sempre é frutífero para todos, alguns têm expertises a mais que outros, assim, nem todos estão no mesmo nível de conhecimento sobre coprodução. Essa discrepância de conhecimento gera atores com mais “poder” que outros (Adamsone-Fiskovica & Grivins, 2022; Elliot et al., 2021); indivíduos desorientados sobre o que fazer; aversão à coprodução. Esses efeitos foram observados em estudos sobre produção do conhecimento agrícola e de administração pública. (Adamsone-Fiskovica & Grivins, 2022; Elliot et al., 2021).

A coprodução tem como característica a replicabilidade, devendo adaptar-se ao contexto e à cultura dos atores envolvidos (Honingh et al., 2020; Elliot et al., 2021). Embora inicialmente pareça uma limitação, constitui um aspecto particular da prática. Assim, um modelo aplicado em um curso de saúde na Inglaterra precisa ser ajustado ao contexto brasileiro. Rooney et al. (2019) destacam que, além da diversidade cultural, existem diferenças burocráticas: coproduzir no setor privado implica regras distintas do setor público, que por sua vez deve seguir diretrizes locais.

No tocante ao que é possível ou não na coprodução, Soklaridis et al. (2020) levantam a criticidade como aspecto importante. Os autores também discutem a validade do pagamento pela coprodução: no serviço psiquiátrico, considerado marginalizado, o pagamento é visto como reconhecimento, mas pode descaracterizar o ato. Entendem o pagamento como incentivo, mas sem conclusão sobre sua legitimidade. Já Soklaridis et al. (2022) refletem a coprodução como promotora da justiça social, considerando bem-vindos estímulos que a impulsionem, inclusive a reflexão sobre o dilema financeiro.

Porém, Verschuere, Brandsen e Pestoff (2012) apontam que a coprodução é uma prática voluntária. Dessa forma, por mais pertinentes que sejam os questionamentos de Soklaridis et al. (2020) sobre o incentivo financeiro, já existe um consenso na literatura que a coprodução não deve ser paga, devendo-se pensar em outras formas de estimular a coprodução. Outro ponto a ser refletido apontado pela literatura direciona para outro contexto, preocupa-se também com aspectos éticos e morais. Pain et al. (2013), em seu estudo com graduandos, envolvendo pesquisa, universidade e comunidade, ressaltaram a importância de respeitar o espaço do aluno na atividade de coproduzir, compreendendo que a ação deve ser espontânea.

No que tangibiliza os cursos na área da saúde, autores como Dalgarno e Oates (2019); Rooney et al. (2019); Soklaridis et al. (2020); e Lamph e Bullen-Fsoter (2021) demonstram uma certa cautela, visto que estes envolvem sensivelmente o ser humano e levanta o paradoxo de cuidado excessivo com o emocional dos indivíduos, ao tempo da necessidade com o bem-estar dos envolvidos.

Notaram-se limitações quanto a exigências para se coproduzir; falta de clareza quanto aos incentivos para os coprodutores; uma necessidade de conhecimento sobre a atividade ocasionando em uma necessidade pela capacitação na temática, atividade essa que para acontecer depende da disponibilidade dos atores e caso haja desproporção gera um desequilíbrio de poder.

Conhecendo o que a literatura encontrada nessa Revisão Sistemática de Literatura, traz sobre efeitos positivos e negativos da coprodução na educação, apresenta-se a seguir a proposta de quadro teórico, originada dos achados.

3.4 Quadro Teórico

O quadro englobará os potenciais efeitos desejáveis e fatores limitantes, para isso, foram criadas categorias, originadas da análise dos achados, e dos atores envolvidos em cada efeito ou fator encontrado. Serão apresentados também indicadores, os quais advém de uma leitura minuciosa dos artigos, incluindo uma coluna de parâmetros, onde auxiliará futuros estudos na aplicação deste quadro teórico.

Para melhor compreensão da proposta, optou-se por analisar primeiramente a dimensão de potenciais efeitos desejáveis, os quais foram agrupados em 4 categorias, nomeadas a partir dos atores beneficiados identificados na análise correspondente ao segundo questionamento desta RSL. São elas: “Efeitos desejáveis aos estudantes”; “Efeitos desejáveis à comunidade”; “Efeitos desejáveis aos professores”; “Efeitos desejáveis à Gestão”.

Os “Efeitos desejáveis aos Estudantes” envolvem o aprendizado proporcionado pela coprodução na educação, o aluno é visto como protagonista. Para além dos ganhos de cunho técnico, eles adquirem conhecimentos práticos, habilidades comportamentais e sociais.

Pain et al. (2013), destacam a importância do aluno no processo de coproduzir. “Cada projeto desenvolvido no módulo compreende uma pequena “comunidade de conhecimento”, onde uma gama de participantes, incluindo estudantes, trazem suas habilidades e conhecimentos para a pesquisa colaborativa.”.

Habilidades de empregabilidade são percebidas por Ravencroft et al. (2020). “Os resultados dessas entrevistas relataram que os jovens estavam desenvolvendo sua voz, estavam motivados e gostando das atividades e desenvolvendo habilidades digitais e de empregabilidade.”.

Essa categoria tem como indicadores os efeitos encontrados na RSL, e parâmetros de avaliação oriundos deles. Estes parâmetros, assim como todos os outros que serão apresentados adiante podem ser utilizados após identificação da atividade coproduzida, e identificação do efeito, eles correspondem a exequibilidade para que o efeito aconteça.

A seguir será apresentada uma tabela expressando seus indicadores e parâmetros. Isso será feito para todos os demais potenciais efeitos encontrados.

Quadro 3. Potenciais efeitos desejáveis aos estudantes

DIMENSÃO	CATEGORIA	ESTUDIOSOS	INDICADORES = EFEITOS	PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO
Potenciais efeitos desejáveis	Estudantes	Pain et al. (2013); Moreton (2016); Honingh et al. (2020); Lamph e Bullen-Foster (2021); Bamber et al. (2017); Ravenscroft et al. (2020); Rooney et al. (2019); e Mazgutova et al. (2022).	Ensino criativo e dinâmico. / Alunos como aprendizes ativos. / Redução da distância entre teoria e prática.	Formas de ensino
		Soares e Farias (2018); Turner (2020); Elliot et al. (2021); e Soklaridis et al. (2020).	Reconhecimento/respeito ao usuário do serviço.	Existência e formas de reconhecimento/respeito
		Dalgarno e Oates (2019); Kruger e David (2020); Ravenscroft et al. (2020); Turner (2020).	Maior empregabilidade.	Alocação do aluno no mercado de trabalho
			Equilíbrio no poder relacional.	Igualdade no relacionamento independentemente da posição
		Donato e Alonso (2020); Ravenscroft et al. (2020); Yalley (2022).	Desenvolvimento psicossocial.	Desenvolvimento de habilidades pessoais

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

A segunda categoria elenca os “Efeitos desejáveis à Comunidade”. O ato de coproduzir gera impacto social, na educação coproduzida, a comunidade é parte importante do ensino e se beneficia do processo. Inserir o aluno na comunidade enquanto aprende, desperta uma mudança de perspectiva no mesmo, “Ele descreveu sua própria educação protegida na classe média britânica e confessou que costumava ser bastante preconceituoso contra os requerentes do asilo.” (Pain et al., 2013). Nessa fala pode-se perceber um impacto social de quebra de preconceitos, descrito ao estudar a coprodução na educação no campo da saúde.

Em sintonia Magnussen et al. (2019), observação a mudança de perspectiva do aluno, após a inserção da comunidade em seu processo de aprendizagem. “Esses resultados indicam que a percepção dos alunos sobre seu conhecimento, sobre seu bairro e como ele se compara aos planejadores urbanos profissionais, mudou após a participação no projeto piloto.”.

Quadro 4. Potenciais efeitos desejáveis à comunidade

DIMENSÃO	CATEGORIA	ESTUDIOSOS	INDICADORES = EFEITOS	PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO
Potenciais efeitos desejáveis	Comunidade	Soares e Farias (2018); Turner (2020); Antonini et al. (2021);	Gestão democrática/ Ações/decisões compartilhadas com a comunidade.	Participação cidadã

		Mazgutova et al. (2022).		
		Honingh et al. (2020); Khamis et al. (2021).	Participação ativa dos pais.	Participação cidadã
		Pain et al. (2013); Dalgarno e Oates (2019); Soklaridis et al. (2020); Honingh et al. (2020); Donato e Alonso (2020); Kruger e David (2020); Antonini et al. (2021); Magnussen et al. (2019); Rubalcaba (2022).	Combate aos preconceitos.	Reconhecimento da comunidade local
			Auxílio social a comunidade circunvizinha.	
			Desenvolvimento de interação escola-comunidade.	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Uma terceira categoria encontrada, são os “Efeitos desejáveis aos professores”. A coprodução na educação contribui com a forma que professores desenvolvem suas práticas de ensino, proporcionando ao educador uma capacitação durante o ato de coproduzir, onde o ensino torna-se personalizado e as partes aprendem junto.

A adequação de aprendizagem pode ser vista no estudo de Kruger e David (2020), sobre educação empreendedora para pessoas com deficiência. “Para a fase de realização de um serviço educacional inclusivo para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras para pessoas com deficiência, a coprodução traz benefícios importantes. A participação de pessoas com deficiência não apenas como aprendizes, mas também como professores (ou talvez professores assistentes) faria com que a educação para pessoas com deficiência se transformasse em educação com eles.”.

Quadro 5. Potenciais efeitos desejáveis aos professores

DIMENSÃO	CATEGORIA	ESTUDIOSOS	INDICADORES = EFEITOS	PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO
Potenciais efeitos desejáveis	Professores	Kruger e David (2020); Elliott et al. (2021); Ramírez et al. (2021); Lamph e Bullen-Foster (2021).	Potencial de (auto)capacitação.	Desenvolvimento do professor
			Aprendizado mútuo.	Participação cidadã
		Ravenscroft et al. (2020).	Respeito dos usuários do serviço para com os servidores.	Reconhecimento do servidor
		Honingh et al. (2020); Khamis et al. (2021).	Relevância e propriedade sobre o conteúdo ensinado.	Desenvolvimento do professor

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023

Por fim, pôde-se extrair os “Efeitos desejáveis à Gestão”. Compreendem aqueles presentes na coprodução da educação no setor público, onde o Estado se beneficia do processo. A literatura aponta que através da coprodução na educação, a comunidade envolvida torna-se mais participativa nas demandas sociais e os alunos tornam-se criticamente engajados. Bamber et al. (2017), deixam claro esse efeito, em seu posicionamento, “Cidadãos globais engajados

podem desenvolver uns aos outros como ‘coprodutores’ por meio de um ambiente em se destina a incentivar uma comunidade de alunos criticamente engajados.”.

Soares e Farias (2018), em seu estudo no Distrito Federal, levantaram a importância da aproximação do governo com a atividade de ensino. “Ficou evidente que políticas de governo influenciam, de fato, as estratégias da escola, explicitando que uma importante evolução da coprodução de serviços públicos passa pelo fomento, por parte do governo, as estratégias ainda pouco utilizadas por escolas que valorizam e motivem familiares a coproduzir, como a consulta à opinião dos familiares e reconhecimento dos êxitos dos alunos.”.

Esses efeitos referem-se também a alguma contribuição para o gerenciamento da unidade de ensino, assim como, para o desenvolvimento do próprio ensino, onde os pais, familiares e comunidade contribuem com o bom andamento da unidade, têm uma melhor comunicação e relação com a mesma, ocasionando em um maior compromisso e respeito para com as unidades de ensino.

O aluno faz parte do processo de estruturação do aprendizado, melhorando seu relacionamento com os professores, e os conteúdos ensinados tornam-se direcionados e personalizados, o estudante passa da posição de consumidor para formulador.

Pain et al. (2013), trazem um depoimento sobre a motivação para a subversão do modelo de consumo para com a educação. “No entanto, essas avaliações e as reflexões de meus coautores (acima) contêm surpresas. Foi revelador ouvir de Pain não apenas as coisas positivas que os alunos tiraram do módulo, mas também as contradições que eles experimentaram e que eu não havia previsto. [...] Na verdade, eu estava entusiasmado em fornecer um módulo que minimizasse e talvez até subvertesse o modelo de “educação como consumo”.”.

O efeito de aproximação das relações, pode ser percebido em um recorte do estudo de Galli et al. (2014): “Esta contribuição enfoca a relação recíproca entre profissionais e usuários dos serviços de merenda escolar como um motor para mobilizar novos recursos, de acordo com a teoria da coprodução, que direcionam inovação dos serviços uma mudança para práticas mais sustentáveis.”.

Quadro 6. Potenciais efeitos desejáveis à Gestão

DIMENSÃO	CATEGORIA	ESTUDIOSOS	INDICADORES = EFEITOS	PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO
Potenciais efeitos desejáveis	Gestão	Pain et al. (2013); Lamph e Bullen-Foster (2021); Bamber et al. (2017); Antonini et al. (2021).	Os usuários deixam de ser apenas consumidores.	Entendimento sobre o processo educativo
		Ravenscroft et al. (2020); Galli et al. (2014); e Kruger e David (2020).	Trabalho em equipe.	Participação cidadã
		Soklaridis et al. (2019); Elliot et al. (2021).	Aproximação entre servidor e usuário.	Ações interligadas
		Pain et al. (2013); Lamph e Bullen-Foster (2021).	Pragmatismo do tempo.	Desenvolvimento de atividades
		Galli et al. (2014); Soares e Faria (2018); Rubalcaba (2022); Soklaridis et al. (2019); Elliott et al. (2021); Khamis et	Facilidade no fluxo de comunicação. / Afinidade de relações. / Relação de confiança.	Ações interligadas

		al. (2021); Yalley (2022); Hardie et al. (2022); Kruger e David (2020).		
		Soares e Farias (2018); Bamber et al. (2017); Antonini et al. (2021).	Alunos criticamente engajados.	Participação cidadã
		Kruger e David (2020); Elliott et al. (2021); Ramírez et al. (2021); Lamph e Bullen-Foster (2021); Soklaridis et al. (2020).	Sensibilização das partes.	Ações interligadas
		Rooney et al. (2019); Rubalcaba (2022).	Recrutamento e seleção mais eficazes.	Desenvolvimento da atividade

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Conhecendo os potenciais efeitos desejáveis, passa-se agora para o desenvolvimento da segunda dimensão do quadro teórico, denominada de “Potenciais fatores limitantes da coprodução na educação”. Esta dimensão agrupa três categorias, que assim como a dimensão de potenciais efeitos desejáveis. As categorias são: clareza do processo, exigências para com os envolvidos, necessidade de capacitação.

A primeira categoria mapeada foi a “Fatores limitantes pela clareza do processo”. A coprodução ainda é um campo desconhecido e desse modo os prestadores do serviço possuem níveis de conhecimento sobre a atividade diferentes, onde uns precisam de capacitação total, enquanto outros possuem conhecimento elevado sobre o que o leva para uma posição de “poder”.

Decorrente do processo para se entender como a coprodução acontece, e como executá-la, Rooney et al. (2019), trazem em seu estudo sobre coprodução para formação nas áreas da saúde e serviço social, a burocracia como uma barreira para desenvolvimento da formação coproduzida. Essa falta de clareza gera também dilemas sobre o caráter voluntário da coprodução. Levantando questionamentos como o de Soklaridis et al. (2020), sobre a validade de pagamento para os coprodutores, como até mesmo, uma forma de estímulo à coprodução.

Elliott et al. (2021), em seu estudo sobre coprodução e co-design no currículo dos programas de administração pública, fala sobre o sentimento de confusão no processo de coproduzir. “Muitos se sentiram desiludidos com o processo, enquanto outros se sentiram desorientados e confusos. [...] A realização dessa atividade em sala de aula possibilitou aos alunos vivenciar as perspectivas tanto de profissional (ao considerar o uso da coprodução em seu ambiente de trabalho) quanto de usuário do serviço (ao vivenciar a prática do codesign curricular como aluno em sala de aula).”.

Quadro 7. Potenciais fatores limitantes pela clareza do processo

DIMENSÃO	CATEGORIA	ESTUDIOSOS	INDICADORES = EFEITOS	PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO
Potenciais fatores limitantes	Clareza do processo	Rooney et al. (2019).	Diferenças burocráticas.	Formas de desenvolvimento da coprodução
		Adamsone-Fiskovica e Grivins	Assimetria de poder.	Analisar o equilíbrio de poder

		(2022); Elliot et al. (2021)	Limitação de expertise/grau de entendimento.	Grau de conhecimento
--	--	------------------------------	--	----------------------

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

A necessidade de a coprodução ser adaptável para cada realidade, demanda planejamento, treinamento e organização. Requerendo assim, tempo e compromisso, dessa forma, têm-se a segunda categoria, “Fatores limitantes pelas exigências”.

As partes precisam dedicar-se a coprodução, disponibilizando os recursos necessário para um bom desenvolvimento. Todas essas exigências demandam tempo, que muitas vezes os atores não estão dispostos a dedicar para coproduzirem.

Rooney et al. (2019), traz uma implicação dessa falta de tempo, no caso específico analisado de coprodução na educação. “Não estar suficientemente ciente das expectativas do SUAC em relação a uma aula ou processo de seleção também foi expresso como uma desvantagem. Esse seria mais o caso quando não há tempo suficiente disponível para planejamento e preparação com o SUAC sobre o tópico ou tarefa em questão.”.

Pain et al. (2013), destacam seus depoimentos a percepção dos atores em como o compromisso com a atividade deve ser priorizado. “[...] o modelo de transferência de informações de outros cursos realmente exige relativamente pouco de nós como pessoas, enquanto aqui estamos mergulhados na complicada realidade de que o que fazemos, decidimos, omitimos ou sugerimos pode ter consequências imediatas e óbvias para outras pessoas. do que nós mesmos.”.

Quadro 8. Potenciais fatores limitantes pelas exigências

DIMENSÃO	CATEGORIA	ESTUDIOSOS	INDICADORES = EFEITOS	PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO
Potenciais fatores limitantes	Exigências para com os envolvidos	Elliot et al. (2021); Dalgarno e Oates (2019); Pain et al. (2013).	Interesse dos participantes.	Grau de interesse
			Exigência de comprometimento, tempo, planejamento, e abertura a mudanças.	Grau de compromisso
		Pain et al. (2013).	Na área da saúde requer - trabalho emocional, e compromisso com o bem-estar social.	Monitoramento de bem-estar social
		Soklaridis et al. (2020).	Exigência de criticidade.	Grau de criticidade
		Soklaridis et al. (2020).	Formas de incentivos.	Incentivos utilizados

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Visto a falta de clareza sobre coprodução e a diversidade de exigências, os atores precisam estar preparados para coproduzir. Assim, extraiu-se a categoria, “Fatores limitantes pelas necessidades”.

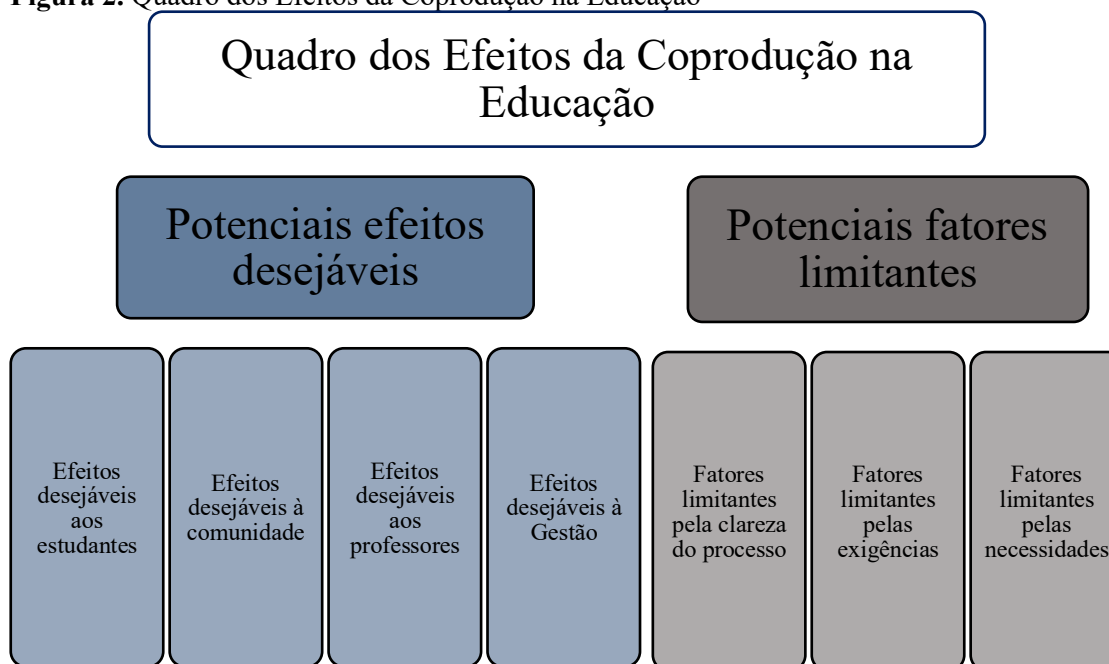
Honingh et al. (2020), deixam claro que a prática de coprodução pode ser interpretada de diferentes formas, podendo ocasionar em resistência dos educadores para coproduzirem. No entanto ele aponta uma solução, “As relações pais-professores podem ser difíceis e ambíguas, mas o treinamento de professores parece ser uma ferramenta eficaz para melhorar a coprodução. [...] Investir na formação de professores acaba por ser útil para superar a resistência inicial.”.

Quadro 9. Potenciais fatores limitantes pelas necessidades

DIMENSÃO	CATEGORIA	ESTUDIOSOS	INDICADORES = EFEITOS	PARÂMETRO DE AVALIAÇÃO
Potenciais fatores limitantes	Necessidade de capacitação	Adamsone-Fiskovica e Grivins, 2022; Elliot et al., 2021	Resistência inicial dos usuários.	Disponibilidade de recursos
			Usuários desorientados e confusos.	Grau de interesse

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023

A seguir, apresenta-se a proposta de Quadro Teórico com os achados da Revisão Sistemática de Literatura.

Figura 2. Quadro dos Efeitos da Coprodução na Educação

Fonte: Elaborada pelas autoras da pesquisa (2023)

Ao desenvolver a análise notou-se que os efeitos e fatores se encontram no mesmo plano, onde os potenciais efeitos positivos encontrados representam pontos favoráveis para ao envolvimento, já os fatores limitantes, na verdade são potenciais fatores condicionantes à coprodução na educação, visto que na ausência de um dos indicadores, o efeito trona-se benefício para os agentes coprodutores.

Pode-se explicar este apontamento, fazendo uma analogia com a Teoria dos Dois Fatores de Herzberg, onde o estudioso pontua que um fator motivacional é benéfico para o trabalhador, porém não necessariamente a ausência do mesmo pode gerar uma desmotivação (Herzberg, 1959). Da mesma forma acontece com os efeitos encontrados, a ausência dos indicadores de um potencial efeito positivo não significa que ele se torne um efeito não desejável, assim como, o inverso acontece, o que os torna no mesmo nível de desejável ou não. Por exemplo: a ausência da participação ativa dos pais, ocasiona em potencial fator limitante pelas exigências para com os envolvidos.

É importante destacar que alguns efeitos desejáveis e fatores limitantes apresentam-se em uma relação de tensão. Por exemplo, o benefício do *equilíbrio no poder relacional*, identificado em experiências de coprodução, pode-se contrastar com a *assimetria de poder* entre os atores,

especialmente quando há diferenças de expertise ou recursos disponíveis. Esse paradoxo sugere que a coprodução pode, ao mesmo tempo, reduzir barreiras hierárquicas e reproduzir desigualdades já existentes.

De modo semelhante, enquanto a coprodução amplia a participação cidadã, ela também pode gerar sobrecarga de tempo e compromisso adicionais que desestimulam o engajamento. Desse modo, compreender tais contradições é fundamental para que gestores e educadores possam potencializar os efeitos positivos, ao mesmo tempo em que criam estratégias para mitigar os fatores limitantes.

Faz-se oportuno ressaltar que o Quadro Teórico se torna útil para demais análises com essa temática, ofertando espaço para atualização deste, é passível também de análises por meio do acompanhamento das atividades coprodutivas realizadas na escola, ao tempo que pode justificar a necessidade da coprodução na educação, driblando os fatores limitantes e focando nos potenciais efeitos positivos.

4. CONCLUSÃO

O estudo teve como objetivo, propor um quadro teórico acerca dos efeitos da coprodução. Mergulhando na temática foi possível apresentar um conceito próprio do que é coprodução no campo educacional, a partir da leitura dos artigos e das impressões feitas deles. Entendeu-se coprodução na educação como a relação mútua para elaboração de um serviço educacional, cujas partes interessadas se comprometem e têm suas participações consideradas.

Alguns efeitos da coprodução, como confiança, inovação e fortalecimento já foram observados em outros setores do serviço público. Contudo, na educação esses efeitos se tornam únicos: a confiança gera vínculo pedagógico; a inovação alcança práticas de ensino; e a participação promove consciência crítica e inclusão social. Desse modo, a educação coproduzida deve ser compreendida como fenômeno próprio, com impactos diretos na formação humana e na transformação social.

Para responder as questões norteadoras desta RSL, realizou-se uma leitura investigativa dos 24 artigos selecionados, captando o que de positivo a atividade de coproduzir na educação estava gerando, assim como ela poderia gerar de negativo. Vale destacar um achado da pesquisa que é a contribuição social da coprodução na educação, o contato da comunidade com o aluno o faz perceber o contexto ao seu redor, ele desperta um novo olhar para o próximo e para as demandas sociais, assim como o torna engajado no debate público. Essa contribuição era suposta e foi validada pelo presente estudo.

Faz-se pertinente pontuar que o estudo encontrou limitações, na definição de palavras-chaves para pesquisa, visto que ‘positivo’ e ‘negativo’ têm muitos sinônimos; não encontrar explicitamente ‘efeitos não desejáveis’, mas sim ‘limitações’; assim como, dificuldade em definir e agrupar os potenciais efeitos e fatores encontrados, diante da pluralidade de achados. É sempre um desafio equilibrar abrangência conceitual e simplicidade instrumental.

Perante o exposto, sugere-se para pesquisas futuras, em um espaço temporal de dez anos uma nova Revisão Sistemática da Literatura para conhecer os avanços que foram feitos, se a coprodução na educação se encontra estagnada ou evoluiu. No tocante do quadro teórico sugere-se também uma pesquisa empírica para sua aplicação e validação. Como proposta de estudos futuros, recomenda-se ainda o uso do framework como base para o desenvolvimento de escalas de mensuração e estudos quantitativos, capazes de permitir análises mais amplas e generalizáveis dos efeitos da coprodução na educação.

Considera-se que propor um quadro teórico dos potenciais efeitos da coprodução na educação, foi um avanço para o estudo de coprodução, visto que existia um gap na literatura quanto a educação. Vale salientar que já tinha sido identificado outros trabalhos elencando benefícios da coprodução, como o de Bovaird e Loeffler (2013), porém, aplicados a outras áreas do serviço público sem destaque aos limites e desafios.

O Quadro Teórico pode ser utilizado pelos múltiplos atores envolvidos, tanto para compreender a atividade quanto para elaborar práticas educacionais de coprodução, indicando efeitos positivos e alertando para limitações. Também permite avaliar práticas já existentes, ao oferecer indicadores e parâmetros para benefícios e fatores restritivos. Além disso, contribui para futuras pesquisas sobre educação coproduzida, que poderão aplicar o quadro para compreender como a coprodução ocorre e quais resultados está gerando.

Por fim, acredita-se que o estudo realizado é de valioso para comunidade que se dedica aos estudos de coprodução. A pesquisa apresenta uma percepção da coprodução na educação, onde vê-se a percepção do outro como uma inclusão social. O estudo traz também um compilado de insumos que podem gerar novos estudos, políticas públicas, mudanças no gerenciamento, contribuindo com a gestão pública, escolar e com a comunidade científica.

AGRADECIMENTOS

Externa-se agradecimento a FAPESQ/PB, a qual foi órgão de fomento do presente estudo através do edital nº 010/2021 - FAPESQPB - MCTIC/CNP, no âmbito do Programa de Infraestrutura Para Jovens Pesquisadores/ Programa Primeiros Projetos - PPP, conforme o termo de Outorga Nº 3219/2021.

REFERÊNCIAS

- Adamsone-Fiskovica, A., & Grivins, M. (2022). Knowledge production and communication in on-farm demonstrations: putting farmer participatory research and extension into practice. *Journal of Agricultural Education & Extension*, 28 (4), 479-502. Recuperado de <https://www-tandfonline.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/1389224X.2021.1953551>. Doi: 10.1080/1389224X.2021.1953551
- Age, L. M., & Schommer P. C. (2017). Coprodução de Serviços de Vigilância Sanitária: Certificação e Classificação de Restaurantes. *Revista de Administração Contemporânea*, 21 (3), 413-434. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rac/a/GGKjbThTgvMVpbY4D8cz8Vw/?lang=pt>. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2017170026>
- Alexandrino, T. N. B. (2017). *Participação e coprodução na escola pública: o papel de associações de pais e professores de três municípios catarinenses na articulação entre escola e comunidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, SC, Brasil.
- Antonini, E., Gaspari, J., & Visconti, C. (2021). Collaborative learning experiences in a changing environment: Innovative Educational Approaches in Architecture. *Sustainability*, 13(16). Recuperado de <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/16/8895>. doi: 10.3390/su13168895
- Bamber, P., Lewin, D., & White, M. (2017). (Dis-) Locating the transformative dimension of global citizenship education. *Journal of Curriculum Studies*, 50 (2), 204-230. Recuperado de <https://www-tandfonline.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/00220272.2017.1328077>. doi: 10.1080/00220272.2017.1328077
- Brandsen, T., & Honingh, M. (2015). Distinguishing different types of coproduction: A conceptual analysis based on the classical definitions. (2015). *Public Administration Review*, 76 (3), 427-435. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/puar.12465>. doi: 10.1111/puar.12465
- Bovaird, T., & Loeffler, E. (2013). We're all in this together: harnessing user and community co-production of public outcomes. In T. Bovaird, & E. Loeffler. *Institute of Local Government Studies* (Chapter 4). University of Birmingham
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

Dalgarno, M., & Oates, J. (2019). The crucible of co-production: Case study interviewees with Recovery College partitioner trainers. *Health Education Journal*, 78 (8), 977-987. Recuperado de <https://journals-sagepub-com.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1177/0017896919856656>. doi: 10.1177/0017896919856656

Donato, D., & Alonso, A. S. M. (2020). Participatory and transformative social intervention with the mothers in a school. *Revista Complutense de Educacion*, 31(4), 507-516. Recuperado de <https://revistas.ucm.es/index.php/RCED/article/view/65808>. doi:10.5209/rced.65808

Elliot, I., C., Robson, I., & Dudau, A. (2021). Building student engagement through co-production and curriculum co-design in public administration programmes. *Teaching Public Administration*, 39 (3), 318-336. Recuperado de <https://journals-sagepub-com.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1177/0144739420968862>. doi: 10.1177/0144739420968862

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (25ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Galli, F., Brunori, G., Di Iacovo, F., & Innocenti, S. (2014). Co-Producing sustainability: Involving parents and civil society in the governance of school meal services. A case study from Pisa, Italy. *Sustainability*, 6 (4), 1643-1666. Recuperado de <https://www.mdpi.com/2071-1050/6/4/1643>. doi: 10.3390/su6041643

Hardie, P., Murray, A., Jarvis, S., Redmond, C., Bough, A., Bourke, L., ... Gilmartin, B. (2022). Experienced based co design: nursing preceptorship educational programme. *Research Involvement and Engagement*, 8(1). Recuperado de <https://researchinvolvement-biomedcentral-com.ez292.periodicos.capes.gov.br/articles/10.1186/s40900-022-00385-3>. doi: 10.1186/s40900-022-00385-3

Herzberg, F., Mausner, B. and Snyderman, B. (1959), *The Motivation to Work*, Wiley, New York, NY.

Honingh, M., Bondarouk, E., & Brandsen, T. (2020). Co-production in primary schools: a systematic literature review. *International Review of Administrative Sciences*, 86 (2), 222-239. Recuperado de <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0020852318769143>. doi: 10.1177/0020852318769143

Khamis, T., Naseem, A., Khamis, A., & Petruca, P. (2021). The Covid-19 pandemic: a catalyst for creativity and collaboration for online learning and work-based higher education systems and processes. *Journal of Work-Applied Management*, 13(2), 184-196. Recuperado de <https://www-emerald.ez292.periodicos.capes.gov.br/insight/content/doi/10.1108/JWAM-01-2021-0010/full/html>. doi: 10.1108/JWAM-01-2021-0010

Kruger, D., & David, A. (2020). Entrepreneurial education for persons with disabilities – A social innovation approach for inclusive ecosystems. *Frontiers in education*, 5 (3). Recuperado de <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/educ.2020.00003/full>. doi: 10.3389/educ.2020.00003

Lamph, G., & Bullen-Foster, C. (2021). A three-phased model to support the design and development of core competency education for liaison mental health clinicians. *The Journal of Mental Health Training, Education and Practice*, 16 (3), 213-223. Recuperado de <https://www-emerald.ez292.periodicos.capes.gov.br/insight/content/doi/10.1108/JMHTEP-06-2018-0035/full/html>. doi: 10.1108/JMHTEP-06-2018-0035

Macedo, M., & Souza, M. R. (2022, novembro). Teoria, modelos e frameworks: conceitos e diferenças. *XII Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação*, Monterrey, Mexico, 12. Recuperado de <https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki>

Magnussen, R., Hamann, V. D., & Stensgaard, A. G. (2019). Educating for co-production of community-driven knowledge. *Electronic Journal of e-Learning*, 17 (3), 222-233. Recuperado de <https://academic-publishing.org/index.php/ejel/article/view/1885>. doi: 10.34190/JEL.17.3.005



- Mazgutova, D., Brunafaut, T., Muradkasimova, K., Khodjjeva, R., Qobilova, G., & Yunusova, A. (2022). Evaluating co-production as guiding philosophy for EAP teacher training course development. *Journal of English for Academic Purposes*, 57. Recuperado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1475158522000182?pes=vor>. doi: 10.1016/j.jeap.2022.101098
- Moreton, S. (2016). Rethinking 'knowledge exchange': new approaches to collaborative work in the arts and humanities. *International Journal of Cultural Policy*, 22 (1), 100-115. Recuperado de <https://www.tandfonline.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/10286632.2015.1101081>. doi: 10.1080/10286632.2015.1101081
- Nabatchi, T., Sancino, A., & Sicilia, M. (2017). Varieties of participation in public services: The who, when, and what of coproduction. *Public Administration Review*, 77 (5), 766-776. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/puar.12765>. doi: 10.1111/puar.12765
- Organização das Nações Unidas. (2015). *Transformando Nosso mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Recuperado de <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2021). *A educação no Brasil: Uma perspectiva internacional*. Brasil: Todos pela Educação.
- Ostrom, E. (1996). Crossing the great divide: Coproduction, synergy, and development. *World Development Magazine*, 24, 1073-1087.
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an update guideline for reporting systematic reviews. *Systematic Reviews*, 10 (89). Recuperado de The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews | Systematic Reviews | Full Text (biomedcentral.com). doi: <https://doi.org/10.1186/s13643-021-01626-4>
- Pain, R., Finn, M., Bouveng, R., & Ngobe, G. (2013). Productive tensions-engaging geography students in participatory action research with communities. *Journal of Geography in Higher Education*, 37 (1), 28-43. Recuperado de <https://www-tandfonline.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/03098265.2012.696594>. doi: 10.1080/03098265.2012.696594
- Ramírez, R., Rowland, N., Spaniol, M., & White, A. (2021). Avoiding the valley of death in educating strategists. *Long Range Planning*, 54 (3). Recuperado de <https://www-sciencedirect.ez292.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0024630120301990?via%3Dihub>. doi: 10.1016/j.lrp.2020.102000
- Ravenscroft, A., Dellow, J., Brites, M. J., Jorge, A., & Catalao, D. (2020). RadioActive101- Learning through radio, learning life: an international approach to the inclusion and non-formal learning of socially excluded young people. *International Journal of Inclusive Education*, 24 (9), 997-1018. Recuperado de <https://www-tandfonline.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/13603116.2018.1503739>. doi: 10.1080/13603116.2018.1503739
- Rooney, J. M., Unwin, P. F., & Shah, P. (2019). Keeping us grounded: academic staff perceptions of service user and carer involvement in health and social work training. *Journal of Further and Higher Education*, 43 (7), 929-941. Recuperado de <https://www-tandfonline.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/0309877X.2018.1429581>. doi: 10.1080/0309877X.2018.1429581
- Rubalcaba, L. (2022). Understanding innovation in education: A service co-production perspective. *Economies*, 10 (5). Recuperado de <https://www.mdpi.com/2227-7099/10/5/96>. doi:10.3390/economies10050096
- Soares, G. F., & Farias, J. S. (2018). Vem educar com a gente: o incentivo de governo e escolas à coprodução da educação por familiares de alunos. *Ensaio*, 26 (101), 1347-1371. Recuperado de

<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/HcNt6Hj9RZDfhxNrM4qg5zN/?lang=pt>. doi: 10.1590/S0104-403620180026001299

Soklaridis, S., de Bie, A., Cooper, R. B., McCullough, K., McGovern, B., Beder, M., ... Agrawal, S. (2020). Co-producing psychiatric education with service user educators: a Collective autobiographical case study of the meaning, ethics, and importance of payment. *Academic Psychiatry*, 44 (2), 159-167. Recuperado de <https://link-springer-com.ez292.periodicos.capes.gov.br/article/10.1007/s40596-019-01160-5>. doi: 10.1007/s40596-019-01160-5

Streck, D. R., Rendín, E., & Zitkoski, J. J. (2008). *Dicionário Paulo Freire* (2ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Tranfield, D., Denyer, D., & Smart, P. (2003). Towards a Methodology for Developing Evidence: Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review. *British Journal of Management*, 14, 207-222. Recuperado de <https://scirp.org/reference/referencespapers.aspx?referenceid=1919940>. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8551.00375>

Turner, D. (2020). Mutual 'App'reciation: Co-production as a model for delivering digital capability within social work education. *Social Work Education*, 40 (7), 942-956. Recuperado de <https://www-tandfonline.ez292.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/02615479.2020.1762858>. doi: 10.1080/02615479.2020.1762858

Verschuere, B., Brandsen, T., & Pestoff, V. (2012). Co-production: The state of the art in research and the future agenda. *VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 23 (4), 1083-1101. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/233942680_Co-Production_The_State_of_the_Art_in_Research_and_the_Future_Agenda. doi: 10.1007/s11266-012-9307-8

Yalley, A. A. (2022). Student readiness for e-learning co-production in developing countries higher education institutions. *Education and Information Technologies*, 27 (9), 12421-12448. Recuperado de <https://link-springer-com.ez292.periodicos.capes.gov.br/article/10.1007/s10639-022-11134-0>. doi: 10.1007/s10639-022-11134-0